

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**Filosofia da Educação.**



**Vanzelândio Dantas de Alencar**

**A PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA IDEAL SEGUNDO  
PLATÃO, ROUSSEAU E KANT.**

CAMPINA GRANDE

2018

**VANZELÂNDIO DANTAS DE ALENCAR**

**A PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA IDEAL SEGUNDO  
PLATÃO, ROUSSEAU E KANT.**

Artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da educação, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em educação.

Área de concentração: Humanas.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo Aguiar Filho.

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A368p Alencar, Vanzelândio Dantas de.

A proposta de uma educação filosófica ideal segundo Platão, Rousseau e Kant. [manuscrito] : / Vanzelândio Dantas de Alencar. - 2018.

23 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia . 2. Educação filosófica. 3. Filosofia da educação.

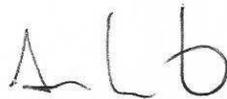
21. ed. CDD 370.1

**VANZELÂNDIO DANTAS DE ALENCAR**

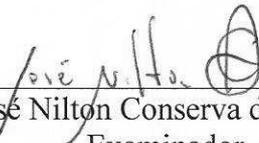
**A proposta de uma educação filosófica ideal segundo Platão, Kant e  
Rousseau**

Trabalho de Conclusão apresentado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

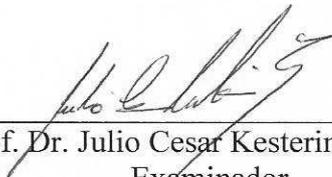
Aprovado em 21/03/2018.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB  
Orientador



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB  
Examinador



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB  
Examinador

# A PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA IDEAL SEGUNDO PLATÃO, ROUSSEAU E KANT.

\*Vanzelândio Dantas de Alencar

## Resumo

Este presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de educação filosófica através de fundamentos filosóficos de Platão, Jean Jacques Rousseau e Immanuel Kant, que por meio desses pensadores será apresentada no decorrer deste artigo, uma busca por uma Filosofia da educação ideal, implicando assim nos aspectos em relação ao homem e sua natureza, política, razão e fé. Teremos como objetivo relacionar os três pensadores enfatizando suas propostas para uma educação ideal, com base na educação filosófica proposta pelos mesmos, uma educação ideal em especial voltada para os jovens. A proposta é apresentar a preocupação que no decorrer dos tempos esses grandes pensadores tiveram com a educação, sendo que caberá para a filosofia auxiliar essa educação para assim termos de fato uma Filosofia da educação que instrua o homem em sua formação pessoal, intelectual e social, proposta esta que Platão já se preocupou em enfatizar na sua obra a República, que Rousseau expôs em sua obra Emílio, e que Immanuel Kant enfatizou ao criar o *sapere aude*. Onde por meio de explicações fundamentadas na forma de educar filosoficamente o jovem, estes filósofos nos apresentarão uma filosofia da educação.

Palavras- chaves: Filosofia; Educação; Ideal.

---

\*Vanzelândio Dantas de Alencar Graduado no curso de Licenciatura plena em Filosofia na Universidade estadual da Paraíba.

## Abstract

This article aims to present a proposal of philosophical education through the philosophical foundations of Plato, Jean Jacques Rousseau and Immanuel Kant, through these thinkers will be presented in the course of this article, a search for a Philosophy of ideal education, it will involve aspects regarding man and his nature, politics, reason and faith. We will aim to relate the three thinkers emphasizing their proposals for an ideal education, based on the philosophical education proposed by them, an ideal education especially aimed at young people. The proposal is to present the concern that in the course of time these great thinkers have had with education, and it will be for philosophy to help this education so that we have in fact a Philosophy of education that instructs man in his personal, intellectual and social formation, This proposition is that Plato has already bothered to emphasize in his work the Republic, which Rousseau expounded in his Emile, and which Immanuel Kant emphasized in creating the *sapere aude*. Through explanations based on the way of philosophically educating the young, these philosophers will present us with a philosophy of education.

Keywords: Philosophy; Education; Ideal

## **INTRODUÇÃO.**

Neste artigo, abordaremos o papel da filosofia que tem sido tema de diversos debates dentro e fora da sala de aula. Como a filosofia irá entrar no cenário escolar pode-se assim dizer que seja talvez nossa maior implicação. É preciso saber qual o papel da filosofia na escola, o que ela permeia e o que de fato podemos entender como filosofia. O discurso está voltado para uma busca de uma educação adequada, acima de tudo sobre um viés de uma filosofia da educação. No decorrer dos tempos, a educação sempre esteve e estará no centro de inúmeros debates no que diz respeito à preocupação por uma educação filosófica ideal, e isso se confirma quando voltamos nossos estudos para o berço das civilizações até os tempos atuais, com a perspectiva de se alcançar talvez o que podemos dizer como a metodologia ideal para se educar.

Podemos entender que o papel da filosofia está em desenvolver no homem a capacidade de levantar reflexão e críticas como ser pensante constituinte de uma sociedade, essa capacidade de pensar o mundo não pode ser aleatório ou sem uma base filosófica, podemos afirmar que ela esteja voltada para temas da sociedade como política, educação, religião, homem e natureza. Perguntas como, de onde viemos? E para onde iremos? Parece se revelar como a “placa de boas vindas” para uma boa aula de filosofia, o que se não tratado ou passado de uma maneira correta, vai continuar despertando nas pessoas e até mesmo no próprio aluno uma visão muito diferente do que é a filosofia.

Podemos continuar afirmado que a filosofia vem despertar no homem a capacidade de pensar em proveito do próprio homem, o que está ligado ao que podemos dizer que é a consequência do próprio conceito de educação. O problema está em apresentar uma educação que em sua maioria é pragmática, identificamos aqui um dos problemas do homem moderno com a visão do homem do passado sobre o que é educação e o papel do educador.

Nas civilizações antigas como a Grécia, a educação para os jovens e crianças estava voltada para a formação de um cidadão exemplar, tinha-se uma preocupação com uma educação ideal e correta para que o jovem bem instruído soubesse assuntos voltados para a sociedade, como política, ética e religião. Hoje parece que o homem moderno não sabe o papel da educação porque tende a entender que isso é dever apenas de um sistema movido por um estado tão pouco preocupado com seus cidadãos. Vejamos então que o “patrocínio” de uma má educação começa dentro das famílias de nossa sociedade que tão pouco se importam com os problemas que lá no passado eram cobrados aos jovens.

Na filosofia da educação, vemos que a própria filosofia tenta mudar esse cenário que o mundo atual tem entendido como educação. O professor é o norteador do ensino pleno para seus alunos, o pedagogo deve tentar lidar com as pessoas com sinal de clareza e objetividade, evitando bases dogmáticas opiniões duvidosas.

Existe uma preocupação em buscar uma educação filosófica ideal e isso é fato, pois é notório que desde o berço das civilizações até os tempos atuais, sempre haverá uma preocupação de se alcançar talvez o que podemos dizer como a metodologia ideal para se educar. Com esse intuito de evitarmos o que talvez seja a metodologia não ideal, mas sim a mais adequada para a educação, começaremos a abordar os pensamentos filosóficos voltados para a educação de Platão, Rousseau e Kant, cada um conforme é claro baseado na realidade vivida em suas épocas, porém sem perder o elo que seus pensamentos têm uns com os outros, apesar da diferença cronológica existente entre eles tentaremos ver a semelhança que existe em seus pensamentos.

## **A EDUCAÇÃO FILOSÓFICA SEGUNDO PLATÃO.**

Platão é um bom exemplo de pensador que já se preocupava com a maneira do educar, educação esta que o filósofo apresentou ao mundo como uma possível educação a ser seguida, uma educação libertadora e que tem como base o sair da ignorância para a luz do saber, é preciso que nós nos desprendamos das correntes que nos prendem a nossa caverna, para que assim conheçamos um novo mundo, um mundo das idéias e do saber. A educação apresentada na caverna de Platão (mito pelo qual o filósofo criou para expor a realidade da época) tem como função abrir os nossos olhos para as questões do dia-a-dia, inclusive no método de ensino.

Mas a frente terá seu pensamento sendo reproduzido no “sapere aude” de Kant onde o mesmo nos ensina que devemos atingir o nosso estado de Maioridade, é o sair da caverna! E isso acontecerá quando houver por parte do aluno o interesse em se libertar e logo mais com a ajuda de uma educação ministrada de forma correta pelo educador. Preocupações essas que encontraremos em Rousseau na criação do “Emilio”, onde o filósofo nos mostra a importância do “respeitar” todas as etapas que a criança deve passar no decorrer da sua vida e de sua educação.

Platão nos apresenta o homem que esta na caverna, um homem acorrentado à ignorância, ao mundo ilusório, que estar adormecido em seu sono dogmático como futuramente dirá Kant. Platão criou o mito da caverna justamente para mostrar como uma má educação pode ser prejudicial ao homem em sua formação. Fala de alguns homens que estão acorrentados no fundo de uma caverna, estes homens sempre estiveram condicionados a viverem nesse lugar, existe uma fogueira por traz desses homens, onde são reproduzidas imagens que eles entendem apenas como a única realidade de suas vidas. Imaginemos que por meio de algum desejo um dos homens consegue se desprender das correntes que o mantém preso a caverna e guiado por uma luz que vem de fora, o homem consegue escalar o muro que os separava de um novo mundo, agora ele vê uma nova realidade, um mundo com novas imagens e cores, consegue sentir o cheiro das plantas e o vento que bate em seu rosto, o mesmo homem retorna ao seu ambiente de origem

porque este sente o desejo de alertar seus companheiros que a caverna não é a única realidade, que de fato existe vida fora da mesma, mas quando chega ao seu espaço de origem os homens não acreditam nesse novo mundo, seus companheiros sentem o desejo de acorrentá-lo e na última hipótese matá-lo porque ele é entendido como louco.

Assim entende Pagni no que se diz respeito a vida educacional dentro da caverna.

Na alegoria da caverna, ainda, a ascese e o domínio que compreende o processo educacional é dramático. Ela revela o confronto entre os diferentes desejos da luta para a realização da verdadeira educação, assim como implica a superação das demandas próprias dos sentidos, do corpo, as quais constituem forte obstáculo ao processo de ascensão ao mundo superior da luz e do conhecimento das idéias verdadeiras. É esse esforço e todo sofrimento compreendido por ele que são constituídos do processo educativo. (PAGNI, P11).

Podemos perceber como o processo educativo tem o seu processo doloroso no que se diz respeito ao caminho que percorrido durante a formação do aluno. Platão já apresentava ao mundo aspectos que devem fazer parte da nossa educação, o professor e o aluno devem buscar ter seus olhares, para além das coisas, e que nunca devem estar satisfeitos com o conhecimento pré-formado e ditado pelos demais, e nem estar conformado com as questões do dia-a-dia.

A dor e o sofrimento assim como era vivido na caverna nos faz pensar na educação pragmática e institucionalizada que infelizmente nos dias atuais estão presentes nas salas de aula. A dor sentida pelo prisioneiro que escala os muros para sair dessa caverna é a mesma dor do aluno que nos dias atuais tenta buscar um caminho diferente da realidade encontrada nas salas de aula.

Platão apresenta com o mito da caverna dois mundos: o ilusório, mundo habitual, costumeiro e rotineiro sendo este representado pelo interior da caverna, e o outro mundo é o mundo real, das idéias, onde as formas são expostas de forma não pragmáticas, mas na busca da independência do ser. Cabe a filosofia nortear o homem buscar o verdadeiro conhecimento.

Mais uma vez a educação é tão importante para Platão que o mesmo se preocupa em sugerir o que seria o caminho mais correto para a formação do filósofo. A educação Filosófica é tão importante para Platão que deve ser colocada para o filósofo no momento certo, onde deve percorrer todas as etapas que sua formação propõe. Mais tarde veremos esse pensamento sendo reproduzido em Rousseau que vem sugerir o mesmo nas etapas para a formação da criança.

São adolescentes que mal saíram da infância, no intervalo antes de chegarem à economia doméstica e negócios, que, mal se aproximam da parte mais difícil, a deixam ficar, e se são esses o que se imaginam que são grandes filósofos, depois disto, se acaso consentem, quando instalados, em ouvir outros tratar de filosofia, julgam que fazem uma grande coisa, pois entendem que ela não é mais do que um passatempo; que chegam à velhice, salvo raras exceções, extinguem-se muito mais que o sol de Heráclito, na medida em que não tornam ascender-se. E então como é que deve ser? Exatamente o contrario. Quando adolescentes e crianças, deve empreender-se uma educação Filosófica juvenil, cuidando bem dos seus corpos, um que se desenvolvam e em que se adquiram, a viril liberdade, pois eles são destinados a servir à Filosofia. (PLATÃO. 498 a-b).

É preciso levar em conta a análise sobre o mito da caverna não apenas como proposta nem como um estudo de análise e crítica apenas para aquela época, mas, todavia uma realidade ainda que existente nos tempos atuais. O mito da caverna é a reprodução da nossa própria vida quando não recebe uma educação adequada.

O mito da caverna revela o homem diante do conhecimento a ser revelado, há uma luta constante entre o comodismo e o que nos tira do cotidiano como único e favorável apenas como meio de vida. Mostra a diferença que há entre os dois mundos, o novo e o velho, o mundo do sensível e o mundo do inteligível, das aparências e o do saber. Para Platão o mais importante não é a educação que deve ser instruída ao jovem ou ao aluno como dever, mas sim de uma forma correta, que o leve a crescer intelectualmente e não impulsioná-lo a seguir uma realidade já dita como verdadeira. Com a explanação do mito, encontramos uma forma de educação que pode mudar a realidade dos que vivem na polis, e como aqueles que

tiveram uma boa educação podem contribuir para a cidade e para vida desses que ainda se encontram na caverna.

O modelo de educação platônica é transformar cada vez mais o homem, em um homem virtuoso, o próprio ato de educar, já faz parte desse processo de educação que busca transformar o homem em um ser virtuoso.

## **A EDUCAÇÃO FILOSÓFICA SEGUNDO JEAN- JACQUES ROUSSEAU.**

Em Rousseau é preciso haver uma educação do sentimento, proteger a criança para a não corrupção dos seus próprios sentimentos, o projeto educacional é voltado para que o indivíduo consiga viver em qualquer sociedade, nesse caso seria o “eu para o todo”. Rousseau diz que é preciso entender o conceito do homem em seu estado de natureza, é preciso entender a formação da propriedade, a passagem do homem do estado de natureza para o estado civil e as máscaras que embaçam a formação da educação, tais passagens que são encontrados no contrato social, para que assim entendamos o que o filósofo quis propor em sua obra educação para Emilio.

Então Rousseau lança a seguinte pergunta: Onde está a liberdade original? E ele diz que essa liberdade está no estado de natureza, estado este que está no nascer, Rousseau diz que todos nascem livres, mas que perdemos nossa liberdade no estado civil.

O homem nasceu livre, e em toda parte se encontra sob ferros. De tal modo acredita-se o senhor dos outros, que não deixa de ser mais escravo que eles. Como é feita essa mudança? Ignoro-o. Que é que a torna legítima? Creio poder resolver essa questão. (ROUSSEAU, 1762, P. 10)

Mas o que é o estado civil? Este que é culpado segundo Rousseau, por tirar nossa liberdade? O estado civil é a saída do homem do estado de natureza e isso só será possível com a firmação do contrato social.

“Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja de toda força comum a pessoa e os bens de cada associado, e pela qual, cada um, unido-se a todos, não obedeça portanto a si mesmo, e permaneça tão livre como anteriormente.” Tal é o problema fundamental cuja solução é dada pelo contrato social. (ROUSSEAU, 1762, P.24)

Então é necessário criar o contrato social sobre um discurso da “desigualdade” que de forma ilegítima os ricos propõem aos pobres a garantia de posses a todos que resultaria na manutenção de suas vidas, e por quê? Em Rousseau os ricos propõem o acordo com o pobre por meio de “razões especiosas”, usar o discurso do medo acima de tudo é a garantia que os pobres aceitem a firmação do contrato.

O sentimento é um ato ruim, o pensar também será ruim, é a paixão que comanda a razão assim afirma Rousseau! É preciso haver uma educação do sentimento, proteger a criação para a não corrupção dos seus próprios sentimentos, o projeto educacional é voltado para o indivíduo em que o mesmo consiga viver em qualquer sociedade, nesse caso seria o “eu para o todo”.

O homem tem que estar contido de perfectibilidade que é a faculdade de aperfeiçoamento, uma potência que desperta sentimentos, a sociedade é artificial, uma sociedade neutralizada, os contratualistas propõem uma nova sociedade, mas antes de tudo é preciso compreender a natureza humana, compreender o homem que constitui a sociedade, pois a liberdade está na natureza e na igualdade.

Para se chegar à propriedade necessita-se do contrato legítimo, onde teremos no fim do estado de natureza a chegada da propriedade. Inicia-se então o contrato social. Rousseau diz que o direito a terra é de todos, e esse talvez tenha sido o primeiro engano da população em achar que os bens poderiam ser tomados pelos mais fortes sem contestação, uma vez que a palavra do rico (nesse caso o mais forte) poderia firmar o contrato tomando as terras sem que o pobre se manifestasse contra.

Imaginemos um instante esse suposto direito. Eu disse que disso resulta senão um galimatias inexplicável; porque tão logo seja a força que a faz o direito, o efeito muda com a causa; toda força que sobrepuja a primeira sucede a seu direito. Assim que se possa desobedecer impunemente, pode-se fazê-lo legitimamente, e, uma vez que o mais forte sempre tem razão, trata-se de cuidar de ser o mais forte. Ora, que isso se não um direito que parece quando cessa a força? Se é preciso obedecer pela força, não é necessário obedecer pelo dever, e se não mais se é forçado a obedecer, não se é a isso mais obrigado. Vê-se, pois, que a palavra direito nada acrescenta à

força; não significa aqui coisa alguma. (ROUSSEAU, 1762, p.14)

O segundo engano está no discurso do rico sobre “proteger” o pobre, que apenas resultou no fortalecimento do rico. Rousseau é bem claro ao demonstrar quem foi que saiu ganhando no fim das contas com a aprovação do contrato. Ele continua a dizer que a modernidade é um sinal de decadência, pois a moral é trocada pelos vícios, tudo é aparência, tudo é artificial, há certa confusão com o “quem sou eu”.

É necessário voltar as origens para saber quem somos, e o segredo está em perguntar a si mesmos quem somos. Rousseau escreve o “Emilio” destinado a sua mãe que tinha características como sábia, protetora, previdente e espartana, características tais essas dadas as melhores mulheres que a Grécia poderia ter a mãe patriota e corajosa a ponto de chorar as lágrimas do luto de perder um filho na guerra, mas de cantar louvores de alegria por saber que ele morreu pela defesa de seu país.

Ainda no “Emilio” Rousseau propõe um regresso, é preciso tirar o que ele chama de acessórios da educação, voltar assim ao estado natural.

Que devemos pensar, então, dessa educação bárbara que sacrifica o presente por um futuro incerto, que prende uma criança a correntes de todo o tipo e começa a torná-la miserável, para lhe proporcionar mais tarde não sei que pretensa felicidade de que provavelmente não gozará jamais? Mesmo que eu considerasse razoável essa educação por seu fim, como encarar sem indignação essas pobres infelizes submetidas a um jugo insuportável e condenadas a trabalhos contínuos como os galeotes, sem ter certeza de que tantos trabalhos algum dia lhes serão úteis. (ROUSSEAU. 1999. p.68)

Esse estado natural é comparado há um nascer de uma criança, o tempo pedagógico é respeitar os tempos da criança, aqui podemos fazer uma comparação com os conselhos que Platão dá ao que ele chama de tempos que a criança deve ter em sua formação, para que assim fosse ministrada por completo toda educação dos jovens para formar assim um bom cidadão para a polis.

São adolescentes que mal saíram da infância, no intervalo antes de chegarem à economia doméstica e negócios, que, mal se aproximam da parte mais difícil, a deixam ficar, e se são esses o que se imaginam que são grandes filósofos, depois disto, se acaso consentem, quando instalados, em ouvir outros tratar de filosofia, julgam que fazem uma grande coisa, pois entendem que ela não é mais do que um passatempo; que chegam à velhice, salvo raras exceções, extinguem-se muito mais que o sol de Heráclito, na medida em que não tornam ascender-se. E então como é que deve ser? Exatamente o contrário. Quando adolescentes e crianças, deve empreender-se uma educação Filosófica juvenil, cuidando bem dos seus corpos, um que se desenvolvam e em que se adquiram a viril liberdade, pois eles são destinados a servir à Filosofia. (PLATÃO. 498 a-b).

Só que existe um problema, essa sociedade ou cidade que o jovem se prepara para viver em Rousseau é a culpada pela “depravação” do ser humano, isso graças há uma má educação como vimos anteriormente na citação acima. Rousseau cita o papel da família como uma instituição de grande importância para a preservação da sobrevivência dentro da cidade, essa agregação como primeira sociedade se dá apenas segundo Rousseau por necessidade, vejamos que uma vez que os filhos alcançam sua independência, logo partirão de suas casas e construirão uma nova família.

A mais antiga de todas as sociedades, é única natural, é a da família. As crianças apenas permanecem ligadas ao pai o tempo necessário que dele necessitam para a sua conservação. Assim que cesse tal necessidade, dissolve-se laço natural. As crianças eximidas de obediência devida ao pai, o pai inseto dos cuidados devidos aos filhos, reentram todos igualmente na independência. Se continuam a permanecer unidos, já não é naturalmente, mas voluntariamente, e a própria família apenas se mantém por convenção. (ROUSSEAU, 1762, p.11)

Rousseau expõe no “Emilio” que a primeira depravação está no cumprimento do não-dever da mulher, ou seja, sem mãe não há filho! O primeiro preceptor é o pai então este não pode corromper o filho com as paixões ou atos que o levem a perecer pela corrupção, cabendo ao pai instruir o filho como um dos primeiros educadores, conceitos referentes a moral, ética e cidadania. A dor faz parte do ser humano e por isso a criança não pode ser privada de tal experiência. A figura do pai não pode ser reproduzida ou

compreendida como o “super-herói” ou um superprotetor, ou seja, a criança dever chorar, deve sentir fome, ate mesmo se machucar para que a mesma conheça o sentido da vida através da experiência, experiência esta que será auxiliadora na formação da criança durante as fases que a mesma deve passar. Este preceptor não pode ser corrupto para não corromper a criança, e ele ressalta que há uma grande importância entre o exemplo que é dado com o discurso contrário à prática, ou seja, o falar deve estar equiparado com as ações.

## **A EDUCAÇÃO FILOSÓFICA SEGUNDO IMMANUEL KANT.**

Veremos que Kant completará esse ciclo de pensadores que desenvolveram uma linha de estudo voltada para a busca da filosofia da educação ideal.

Em Kant iremos notar que sua educação tem como base o pensamento iluminista da época. É preciso sair do estado da minoridade para entrarmos no estado de maioridade, conhecido como “Sapere Aude” traduzido como ouse saber, quando o homem tutelado sai do seu estado de dependência intelectual para o estado de maioridade, um salto do intelecto!O estudo que está voltado para a educação em Immanuel Kant tem como foco para indagações presentes no Iluminismo, ao qual ele nomeia de (Aufklärung), e a formação cultural como (Bildung).

Kant lança um desafio para o homem, e o desafio está em ter coragem do apreciar o seu próprio pensamento, sem estar na “dependência de outra pessoa” para desenvolver algum raciocínio ou pensamento, sem o controle ou a tutela do outrem, é claro que a presença do mestre (professor) é de suma importância para o “salto no intelecto”, mas o mestre deve a todo momento incentivar que o seu aluno busque sua autonomia, para que a relação aluno e professor seja uma relação como o primeiro passo para se alcançar a independência intelectual e não o aprisionamento do aluno, aprisionamento este que garantirá apenas ao aluno o que chama Kant de estado de tutelamento.

O homem tutelado deve partir para o estado de maioridade, e isso é o salto no seu intelecto. O aluno que sente o dever e na vontade de pensar não apenas com o auxílio do seu mestre como único de conduzir as “rédeas” do pensar, mas que também pode conduzir o aluno para uma autonomia intelectual que o fará refletir sobre questões importantes para o ser humano, tais questões como religião, política e educação, inclusive Kant alerta que o dogmatismo gerado pela religião torna-se um dos males que impedem o ser humano alcançar sua maioridade. Kant vê o dogmatismo como um veneno para a compreensão sobre a vida e para o avanço na educação do indivíduo, um aprisionamento para o intelecto.

No Aufklärung o homem tem um valor absoluto. Deve seguir os preceitos de sua razão, ter coragem para pensar e questionar. O Aufklärung impulsiona o homem a ter liberdade de pensamento, isso é claro com base no questionamento sobre a moral. A partir desse momento Kant lança o seguinte questionamento: Será que realmente somos livres para pensarmos aquilo que queremos? Ou melhor, será que podemos expor nossos pensamentos diante uma sociedade que a todo o momento nos impõe leis que resultam em regras? O uso privado da razão pode ser colocado diante o uso público sem que aconteça algum impedimento? Será que somos livres para questionar, usando nosso juízo contra aqueles que estão acima de nós?

Kant coloca a moralidade como base da educação, com bases não individuais e não empíricas, mas uma ação que esteja pautada para ou pela vontade geral. Surge uma moral ao qual Kant nomeia como deontológica que significa uma moral que defenda o valor moral de uma ação, que resida em si mesma e não nas suas consequências (aqui está ligada a intenção). O homem se torna moral apenas pelos atos de sua vontade, então é preciso assim defender unicamente os valores morais das ações, e isso dependerá unicamente das intenções praticadas, que por sua vez são caracterizadas pelos motivos que podem ser movidos por inclinações ou apenas pelo dever.

A vontade se caracterizará como autônoma ou heterônoma, uma vez se tornara autônoma quando cumpre o dever apenas pelo dever, puramente racional, pautada pela moral, o indivíduo faz aquilo que a lei moral pede para

ele assim o fazer, também conhecida como uma boa vontade. Torna-se Heterônoma segundo Kant quando não cumpre o dever pelo dever, o uso da vontade se submete a razões consideradas externas. Logo mais como fruto dessas duas vontades é lançado os imperativos, que por sua vez são conhecidos como categóricos ou hipotéticos.

Os imperativos categóricos são conhecidos como um cumprimento do dever, dever esse que está ligado diretamente ao que a lei moral ordena, é o cumprir o dever simplesmente pelo obedecer ao dever. Os Hipotéticos estão direcionados segundo Kant ao resultado que irão trazer ao indivíduo, não pelo dever, mas pelo resultado que pode ser gerado em proveito de alguém. Se os motivos foram gerados por influência de certas inclinações então ela será heterônoma e hipotética, ou seja, conforme a lei. Mas se ela for gerada pelo dever ai será caracterizada como autônoma e categórica, porque agiu pela moralidade.

As ações contrárias ao dever são ações imorais segundo Kant, que não cumprem as regras morais, fazem parte da imoralidade que por sua vez geram ilegalidade. As ações que são geradas conforme o dever e movidas por inclinações sensíveis são ações que cumprem as regras morais, mas que tem um interesse por traz da ação, que esperam algo em troca ou um fruto dessa ação em proveito de si. As ações geradas conforme ao dever a ação pelo dever, são ações que cumprem as regras que ocorrem por total respeito pela lei moral, resultando em um ato de moralidade.

A legalidade por sua vez se dará apenas pela lei, a moralidade pelo agir conforme o princípio em si. Uma ação que é cumprida pelo dever é agir conforme a sua máxima utilitarista. O dever é o cumprir somente por respeito às ações que correspondam às leis. Podemos assim afirmar que haverá segundo Kant uma implicação entre as disposições naturais humanas e as disposições da sociedade (estado). Esse problema só seria possível de ser resolvido quando a vontade individual não se sobrepõe a vontade universal, o que Kant chama de o bem voltado para todos.

A educação ganha um aspecto de liberdade, é preciso preparar o ser humano para um bem voltado para a humanidade, como um fim e nunca como

um simples meio. A educação torna-se um meio pelo qual o homem torna-se verdadeiro, realizado gradativamente com um ideal de perfeição humana. A educação em Kant é idéia, a filosofia da educação em Kant é pensar em um fim, os animais têm limites os homens têm possibilidades de se tornarem o que querem.

Produzir uma ação moral é dever do mal, caso haja uma ação negativa é preciso ter uma educação que instrua o homem para que essa ação negativa se torne uma ação moral. A selvageria e a animalidade acontecem quando há uma ausência dos estados das leis. Se a educação partir da disciplina então ela é necessária, a educação é o maior bem que possa dar ao ser humano. A educação é o resultado do uso da razão que gera liberdade, e por quê? A educação é uma arte! Leva no educando a perfeição, como autônomo movido pela razão que leva o ser humano a pensar em si mesmo. A educação que é um mal para o ser humano segundo Kant é a educação mecânica, que limita o homem e que privará o homem de sua liberdade.

O ser humano necessita das suas vontades, que se for por natureza e com seus fenômenos, agirá apenas pelo âmbito da necessidade que resultará na sensibilidade, no domínio dos prazeres, na realização dos desejos. Já por outro lado pode estar direcionado ao mundo da ação humana que gera liberdade, será então o uso da razão, que resultará em determinação de leis morais, cumprindo os deveres e manifestação de autonomia. Esse dois caminhos sempre resultarão em uma ação.

Por fim percebemos que a educação é igual a progresso em Kant. Deslumbra um estado melhor para o ser humano, um estado melhor para a humanidade, sempre deixará algo melhor para o futuro do ser humano. A educação em Kant é uma ferramenta que gera liberdade, é o “ouse saber”, é esse salto para o intelecto, é alcançar a autonomia intelectual e se desvincular de qualquer educação controlada e qualquer conhecimento preguiçoso, que limite o homem apenas ao seu básico, ou que o acomode a viver sem uma capacidade de refletir sobre a sua própria vida.

O estado de menoridade está quando a criança ou o aluno em sua formação, não consegue desenvolver ou atingir sua autonomia intelectual,

mantendo-se preso aos pensamentos de seu mestre. Atingir o estado de maioridade é para Kant, o questionar as posições intelectuais impostas pelos que “detém o saber”. Ousar saber, ousar questionar, é não aceitar a educação dogmática, pretensiosa e ideológica, mal maior este que Kant define como um atraso para os jovens. “Antes de mais nada, convém ensinar às crianças a lei que tem dentro de si. O homem torna-se desprezível aos seus próprios olhos quando cai no vicio...” (Kant, citar a pg).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Após termos feito essa explanação sobre toda a problemática que envolve a busca da filosofia da educação ideal, concluímos que os pensadores aqui citados se preocuparam em expor uma filosofia da educação que esteja voltada acima de tudo não para uma educação ideológica, nem muito menos uma educação dogmática, uma filosofia da educação que liberte o indivíduo de seu “sono dogmático” assim como disse Kant, em que o aluno, a criança procure alcançar sua autotutela, sua independência intelectual, o salto no intelecto que Kant sugere para a nossa formação.

Que liberte o homem de sua caverna como mostrou Platão ao escrever o mito, a saída do homem do seu estado de aprisionamento intelectual, do comodismo e da educação que às vezes é ministrada de uma maneira não muito favorável para que o indivíduo consiga sua independência intelectual.

O que tentamos mostrar foi uma educação filosófica que nos instrua em nossa formação como assim mostrou Rousseau escrevendo o “Emilio”, para respeitarmos as fases da nossa formação, as etapas que devemos percorrer e que de fato devem ser respeitadas por quem ministra a educação quer sejam para a criança ou para o jovem.

Entendemos que o papel da filosofia ou a função da filosofia da educação permeia por esses caminhos, resulta com uma quebra com toda educação controlada e que apenas limita a capacidade do ser humano no desenvolver em si como ser pensante da sociedade e constituinte dela, capaz de ser tornar um ser autônomo, capaz de discutir assuntos voltados para a sociedade, como política, economia, ética e religião.

Por fim entendemos que o papel da filosofia na educação, após todos os pensamentos expostos aqui através dos pensamentos de Platão, Rousseau e Kant nos leva a pensar em uma educação que buscará a autonomia do sujeito.

A educação nos permite caminhar por caminhos que nos leva a liberdade do ser - humano, visto que na própria educação teremos uma sociedade cada vez mais justa, uma sociedade do sujeito e para o sujeito, que diminua as desigualdades existentes na sociedade, a busca por um indivíduo

não apenas autônomo, mas que ele procure mudar seu espaço com uma educação para o todo, como um bem em comum para todos. Ser este capaz de falar sobre política e ser um ser político, e outros temas que não apenas o caracterize como sujeito capaz de discutir sobre algo, mas sim de participar da sociedade no sentido de mudar a própria sociedade.

Por fim, entendemos que o intuito aqui não foi criar na filosofia o nosso “super-herói”, nem muito menos pensar que o educador tem o dever de mudar o cenário da educação atual como o herói ou vilão da nossa sociedade atual, mas sim perceber que toda educação filosófica aqui exposta com base nos pensamentos filosóficos de Platão, Rousseau e Kant, nos faz refletir no compromisso que o educador deve ter com o educando na sala de aula, no que vai ser ministrado e como isso deve ocorrer. Quando partimos para a área da Filosofia, devemos ter como um dos pontos do nosso modo de ministrar as aulas, aproximar cada vez mais a nossa educação para com as ações que podem ser reproduzidas na sociedade, afinal o intuito é formar a criança, o jovem em sua formação, principalmente a filosófica na concepção que este indivíduo colocará em prática seu pensamento crítico-reflexivo filosófico.

## REFERÊNCIAS:

BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo. Paulus. 1999.

HOLLIS, Martin. **Filosofia um Convite**. Tradução Antivan G. Mendes, São Paulo: Edições Loyola. 1996.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?**.5 de dezembro de 1783. Traduzido por Luiz Paulo Rouanet. Disponível em <http://Geocities.yahoo.com.br/eticaejustica/esclareciemtno.pdf>,2013.

\_\_\_\_\_. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2 ed. Piracicaba: editora: Unimep, 1999.

MARIA, Lidia Maria. **Platão e o debate educativo na Grécia antiga**. Campinas-SP: Armazém do Ipê, 2014.

PAGNI, Pedro Angelo. **A Filosofia da educação Platônica: O desejo de sabedoria e a Paideia justa**.

PLATÃO. **A República**. 9ed. Tradução e notas Maria Helena da Rocha Pereira. Edição fundação Calouste Gulbenkian.

PURSHOUSE, Luke. **A República de Platão: um guia de leitura**. Tradução Luciana Pudenzi, São Paulo: Editora Paulus, 2010.

REZENDE, Antônio. **Curso de Filosofia: para professores e alunos do segundo grau e de graduação**. 13ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2005.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do contrato social**. Edição: Ridendo Castigat Mores. 1762.

\_\_\_\_\_. **Emílio, ou, da educação**. São Paulo. Tradução Roberto leal Ferreira. 2º Ed. 1999.